

O ITINERÁRIO ROUSSEAUNIANO NAS ILAÇÕES DE UMA LINGUAGEM MUSICADA: OU O PERCURSO DAS PAIXÕES NO ÂMBITO DA ESCRITA E DA FALA

Yvisson Gomes dos Santos¹

RESUMO: o presente artigo traz as referências de Jean-Jacques Rousseau sobre as origens da linguagem através das paixões. É pontuada, também, a importância filosófica e educacional do genebrino, bem como o papel relevante que o mesmo teve nos prenúncios do Iluminismo e do Contratualismo. Na educação temos os cuidados educativos, em o *Emílio* (2004), da formação do ser que é bom por natureza. Para a formação do bom selvagem, segundo Rousseau, o uso da linguagem escrita e falada é um mecanismo fundante na formação do sujeito. Para tal, o *Ensaio sobre a origem das línguas* (1962) vem esclarecer a importância dos sons primevos: os queixumes, os choros ou o riso que formam as *paixões musicadas*, ou os sentimentos do sujeito. Concluindo que para ser humano, somos devedores da linguagem que nos transformam em seres sociais através da estética sonora e escrita da linguagem primeva.

PALAVRAS-CHAVES: Rousseau; Linguagem; Música; Escrita.

ABSTRACT: This article brings references to Jean-Jacques Rousseau on the origins of language through the passions. It is also marked the philosophical and educational importance of Geneva, and the role he played in the signs of Enlightenment and contractualism. In education, we have the educational care, *Emilio* (2004), the formation of the being that is good by nature. For the formation of noble savage, according to Rousseau, the use of written and spoken language is a mechanism of creation in the formation of the subject. For this, the *Essay on the Origin of Languages* (1962) clarifies the importance of primitive sounds: the wailing, crying or laughing that form the music passions, or the feelings of the subject. Concluding that a human being, we are debtors of language that transform us into social beings by the aesthetics of sound writing language and primitives.

KEYWORDS: Rousseau; Language; Music; Writing.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo traz as referências de Jean-Jacques Rousseau sobre as origens da linguagem através das paixões. É pontuada, também, a importância filosófica e educacional do genebrino, bem como o papel relevante que o mesmo teve nos prenúncios do Iluminismo e do Contratualismo. Na educação temos os cuidados educativos, em o *Emílio* (2004), da formação do ser que é bom por natureza. Para a formação do bom

¹ Doutorando em Educação pelo PPGE/CEDU/UFAL. Membro do GP Filosofia e Educação/Ensino de Filosofia pela UFAL. Tendo como líder o Prof. Dr. Walter Matias Lima. E-mail: yvissongomes@hotmail.com.

selvagem, segundo Rousseau, o uso da linguagem escrita e falada é um mecanismo fundante na formação do sujeito. Para tal, o *Ensaio sobre a origem das línguas* (1962) vem esclarecer a importância dos sons primevos: os queixumes, os choros ou o riso que formam as *paixões musicadas*, ou os sentimentos do sujeito. Concluindo que para ser humano, somos devedores da linguagem que nos transformam em seres sociais através da estética sonora e escrita da linguagem primeva.

2. HISTORICIZAR A FILOSOFIA DE ROUSSEAU: ALGUNS APONTAMENTOS

A França do século XVIII, época do movimento Iluminista, foi marcada por um período histórico que assinalou a trajetória intelectual e política do genebrino Jean-Jacques Rousseau. Filho de um relojoeiro, órfão de mãe desde o parto, e com uma vida regrada por colégios austeros, não se podia imaginar que o garoto franzino de outrora fosse revolucionar sua época, bem como fortalecer as bases ideológicas da Revolução Francesa que tanto apoiava. (STRATHERN, 2004, p.34).

Desde seu primeiro contato com Diderot, no qual participou na formulação de alguns verbetes para a *Enciclopédia*, o agora senhor Rousseau se portou frente à sua realidade social como um defensor da educação, sendo ora ultrajado, ora ovacionado pelos pensadores que circulavam na capital francesa e arredores. Ele foi tido como aquele que fomentou uma nova concepção educativa e psicológica do que se convencionou chamar na atualidade de “proto-desenvolvimento infantil” em suas obras, ou seja, o pensador que, possivelmente, inaugurou uma das correntes psicológicas mais inquietantes da contemporaneidade, a saber, a psicologia do desenvolvimento (PALMER, 2005, p. 242).

Tem-se a principal obra do iluminista que pensava a “educação como natural”, que foi o *Emílio*, no qual “relata de forma romanceada a educação de um jovem, acompanhado de um preceptor e afastado da sociedade corruptora”, observando que “o projeto conforme a natureza, entretanto, não significa[va] retornar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza, que corresponde a vocação humana” (ARANHA, 2006, p. 179).

Alguns comentadores (STRECK, 2004; GATOTTI, 2005) vão chamá-lo de pai da pedagogia, e que ele fez uma verdadeira revolução copernicana nesta área do conhecimento. Eles também irão pontuar que a forma de ensino do genebrino passava pela ordem de uma educação negativa, que consistia não ensinar a virtude nem a verdade

propriamente ditas, mas proteger a criança do coração do vício e do espírito do erro, e isso se daria quando o infante se distanciava da sociedade e se voltava tal como um bom-selvagem feito para habitar cidades. É-nos importante salientar que a concepção rousseauiana do bom selvagem foi um tema central em outra obra, *Do contrato social* (1762/2006), onde localizava o homem como bom (no sentido de não corrompido) antes do processo civilizatório, decorrendo a este processo a defraudação do *sauvage* (Selvagem, em francês: termo utilizado por Rousseau na lembrança do bom-selvagem, que era o homem de natureza boa, livre e sem maldades).

Rousseau, de acordo com Gambi:

[...] identifica as causas do mal na sociedade (pelo seu afastamento do estado de natureza intervindo com a divisão do trabalho e com a afirmação da propriedade particular), mas nela - e só nela - reconhece também a via do remédio, desde que reorganize segundo a ideia do 'contrato' (igualitária e comunitária, animada por uma única e coletiva vontade geral, que está na base do governo e das leis) e reative, também na sociedade doente, a possibilidade de construir um homem novo, natural, equilibrado [...] (1999, p. 343).

E, especificando, com maior precisão o conceito de educação, dentro dos pressupostos alavancados acima, continua-se com Gambi quando este alude que:

[...] Toda a aprendizagem, seja intelectual ou ética, de ocorrer em contato com as 'coisas', deve ser 'indireta'. De fato, para Rousseau, o homem é educado pela 'natureza', pelas 'coisas' e pelos 'homens'. Uma educação correta exige a valorização da natureza e das coisas e a eliminação da influência dos homens. Assim, às coisas é solicitado o papel de exercer uma coerção entre os instintos e a liberdade infantil, de criar limites à sua expressão e de elaborar sua regulamentação precisa (*Ibid.*, p. 351-352).

Coube à posteridade verificar e ratificar a especulação do genebrino, observando que o mesmo possuía uma concepção de mundo na qual somente pelo pacto social a sociedade fora constituída, ainda que a duras penas e a contragosto. Esse tipo de afirmação era contratualista, não se pode negar, mas que conseguiu “perfurar” os limites do *status quo* setecentista dando um enfoque radical (pelo viés político), e claro, um enfoque radical também pelo vértice da educação. Tal acepção serve-nos para olhar por outro través, que em contiguidade com as obras citadas acima, chama-nos atenção do papel da formação do pensamento, e agora, citando o *Emílio*, sobre a temática da linguagem, quando afirmava que as diferentes línguas “mudando os signos, modificam

as ideias que representam. ‘*As cabeças formam-se sobre as linguagens*’” (ROUSSEAU, 2004, p.145, grifo nosso).

Desta feita, resta-nos perguntar: como esse salto da educação à linguagem pôde-se dá na concepção rousseuniana? Qual obra versará sobre o tema da linguagem, precipuamente, que não somente seja a do *Emílio*, mas que abranja outros matizes conceituais?

Passaremos à obra que serve de base axial a este artigo, e de seus desdobramentos, qual seja: *Ensaio sobre a origem das línguas*.

3. A LINGUAGEM MUSICADA E SUAS REPRESENTAÇÕES EM UMA OBRA DE ROUSSEAU

Há diversas dúvidas quanto à gênese do *Ensaio*, desde o momento de sua feitura até ao interesse dado por pesquisadores de Rousseau sobre a referida obra. Em recente publicação da Revista Cult nº 172, na qual se comemora o tricentenário do nascimento do genebrino, Mauro Arco Jr nos diz que “até a década de 1960, [o *Ensaio*] havia sido praticamente ignorado pelos comentadores. Somente em meados do século 21, [...] houve interesse direto pelo *Ensaio*, de modo que passou a ser lido de forma não mais secundária ou à luz de outros textos tidos até então como mais célebres (2012, p.37).

Conjectura-se que tal obra deveria ser contemporânea ao *Discurso sobre a desigualdade e Do contrato social*. Na tese de doutoramento de Evaldo Becker é citado pelo mesmo um texto do pesquisador francês Laison que nos dá certa definição quanto à gênese do *Ensaio*, a saber:

O Ensaio sobre a origem das línguas encontra-se certamente em contradição com o Discurso sobre a desigualdade. Mas que provas possuem M. Espinas para localizar aquele cronologicamente depois deste, e bem próximo dele? Algumas citações feitas por Rousseau de uma obra de Duclos que apareceu em 1754. Que valor este argumento, se sabemos que o texto do Ensaio foi modificado por Rousseau uma ou duas vezes ao menos? As citações de Duclos podem ter entrado somente em uma dessas revisões. Eu tenho de minha parte, em função de indícios positivos, razão para crer que o *Ensaio sobre a origem das línguas* data de uma época na qual as visões sistemáticas de Rousseau ainda não haviam sido formuladas, e que, sob seu título primitivo (*Essai sur Le príncipe de La melodie*), ele respondia à obra de Rameau intitulada Demonstração do princípio da harmonia (1748-1750). Por sua matéria e teor, o Ensaio sai do mesmo tipo de corrente de pensamento que se acha no Ensaio de Condillac sobre a origem dos acontecimentos humanos (1746), e na Carta de Diderot sobre os surdos mudos (1750-1751). Eu localizaria então, de bom grado, a redação do ensaio, o mais tardar, em 1750, entre a redação e o sucesso do 1º Discurso (2008, p. 203).

Deve-se considerar que uma das “ocupações” do *Ensaio* era alinhar a linguagem a música, ou como queiram: a melodia musicada com a palavra; situando os termos “palavra” e “discurso” aos modos precisos e circunstanciados da fala primitiva, ou da linguagem original.

O que, *a priori*, fica-nos mais evidente é a frase inaugural de Rousseau no *Ensaio*, no qual a “palavra distingue os homens entre os animais” (1962, p. 259). Ele mais adiante diz que a palavra é a primeira instituição social, onde o lugar da mesma é recinto não fisiológico, mas produção de discurso enquanto meio de comunicação. Para o genebrino, as primeiras vozes vieram do choro, de gritos, de queixumes, e principalmente, essa é a tese que é levantada, das paixões através da sonoridade musicada dessas paixões/sentimentos.

Então temos um fator originário das palavras, que é para Rousseau as “necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes” (*Ibid.*, p. 266). Então um choro de um bebê poderia ser uma forma exemplificada de representar o gérmen da linguagem/palavra. Dito isto, pode-se conferir que as palavras, inicialmente, nunca nos esquecendo que Rousseau estava falando dos primeiros homens (dos silvícolas), foram faladas de maneira inarticuladas, pois elas possuíam poucas tensões. As mesmas seriam fabricadas por sons imitativos, efeitos de onomatopeias, suprimindo o hiato das vogais.

O objetivo das palavras, muito próximas a formas instintivas do comportamento humano,

marca o momento no qual o sentimento emerge do mundo do instinto; ela [a palavra] ultrapassa as fronteiras da família no seio da qual somente a necessidade falava, expressa pelo gesto. A palavra aproxima os corações, ela favoriza o entendimento e a compreensão, ela abre novos horizontes, ela dá nascimento a civilização (VERRI, 2001, p.406).

Jean-Jacques tratou sobre a “escrita” em concomitância com a “língua”. Para ele, “um outro meio de comparar as línguas e julgar de sua antiguidade encontra-se na escrita, e na razão inversa da perfeição dessa arte” (ROUSSEAU, p. 273). Rousseau citava diferenciações entre as línguas, vindo a admitir que quanto mais grosseira fosse a escrita, mas antiga a língua. Na sua visão, quando se fala transmite-se sentimentos, e quando se escreve transmitem-se ideias. De acordo com os comentadores de Rousseau, Paul-Bastide

e Lourival Machado, que introduziram o *Ensaio*, a escrita ficou reservada à função de registrar boa parte da evolução da língua,

sendo três as principais maneiras de escrever que se conhecem: a) representar, não os sons, mas os próprios objetos, seja diretamente (antigos mexicanos), seja alegoricamente (antigos egípcios); b) representar as partes por caracteres convencionais (chineses); c) representar as partes elementares das palavras, sejam vogais, sejam articuladas, para depois combiná-las em vocábulos (1978, p. 252).

A ideia era colocar em revelo os tipos de escritas que ocorriam com os mexicanos, egípcios e chineses. Cada uma com características próprias, diferenciadas em vocábulos que eram articulados de formas particulares. O objetivo de Rousseau era de demonstrar a polissemia linguística existente em diferentes povos, naquilo que dizia respeito à formação da língua nas mais antigas comunidades humanas.

A música, de certa forma, sempre se fez presente nos gostos de pesquisadores e filósofos setecentistas. Era de praxe, nesta época, e claro, na atualidade, reservar algumas anotações sobre esse tema. Pela visão de Charles Porset “o nascimento simultâneo da linguagem e da música ou a anterioridade desta última são temas muito correntes no século XVIII” (*apud.* ARCO JR, 2012, p.32).

Para Rousseau, a música tinha um papel fundamental na história da linguagem. Como fora enunciado em páginas anteriores, os sons emitidos pelo bom-selvagem, lembram-nos àqueles que expressam sentimentos: antes de qualquer palavra ter sido pronunciada, os lamentos, as queixas e toda a sorte de sons inarticulados formam a primeira tentativa de se dizer algo, de tentar uma comunicação, sendo que tal expediente passava invariavelmente pelas paixões.

Assim enuncia Jean-Jacques:

Com as primeiras vozes formaram-se as primeiras articulações ou os primeiros sons, segundo o gênero das paixões que dilatavam estes ou aquelas. A cólera arranca gritos ameaçadores, que a língua e o palato articulam, porém a voz da ternura, mas doce, é a glote que modifica, tornando-a um som [...] Assim, com as sílabas nascem a cadência e os sons: a paixão faz falarem todos os órgãos e dá à voz todo o seu brilho; desse modo, os versos, os cantos e a palavra têm origem comum (ROUSSEAU, 1978. p. 303).

Pode-se conjecturar também que o *Ensaio* tem um forte apelo à musicalidade e a sua origem nas primeiras sociedades, tratando-a como elemento indispensável à procedência das palavras e da linguagem, não nos esquecendo que esta:

pode ser concebida como o meio mais apropriado para satisfazer as necessidades 'morais', isto é, para a comunicação dos sentimentos e paixões dos homens. É, portanto, concebível que a linguagem seja inicialmente correlacionada com o sentimento e não com o raciocínio, com as paixões e não com as necessidades físicas (DASCAL, 1980, p. 63).

Existem duas definições propostas pelo genebrino, que é a melodia e a harmonia. A primeira é traduzida como a que se dará em sucessão de sons, tal como um arranjo de cores. A harmonia por sua vez perpassa pela audiência dos sons, sentimento que eles despertam e do sabor que se têm ao ouvi-los. Trata-se de proporções naturais, existindo segundo o autor a "harmonia do unísono" (ROUSSEAU, 1978, p. 311).

Vê-se mais uma vez que Rousseau talhou sua concepção linguística pelas necessidades morais através das paixões. Os sons possuíam um "acento" que seriam nada mais que as inflexões da própria voz. Ou seja, as onomatopeias traduziam a comunicação do homem, "acentuadas", eliciando os hiatos das consonantes, subvertendo a lógica do significante e do significado de Saussure (antes da existência do linguista francês). Podemos concluir que,

com o Ensaio sobre a origem das línguas, Rousseau elabora [...] a partir de um centro de gravidade que se situa além do universo bidimensional da representação do classicismo. A posição herética de Rousseau frente ao edifício clássico da filosofia está na afirmação do paradigma musical das línguas que deixa emergir forças que fazem ruir a estrutura da representação (ARCO JR, 2012, p. 39).

A língua se desloca e se movimenta como que atraindo o homem à sociedade, tornando-o um ser social, contratual e civilizado. A tônica da língua e suas escansões interagem no nascimento da civilização, sendo uma marca axial dos seres de paixões através de "acentos" que futuramente terão como ilações as teorias da Linguística do século XX em diante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a trajetória do genebrino, detentor da filosofia iluminista e contratualista, foi de imprescindível articulação com a sociedade setecentista e as investigações intelectuais nascidas daquela época. O *Ensaio sobre a origem das línguas* tratou sobre a evolução da linguagem na trajetória humana. Esse percurso buscou fazer intersecção com a fala dos primeiros humanos, seus queixumes e reivindicações sonoras,

nas quais foram chamadas de paixões. O entendimento das paixões reflete a acentuação vocal humana, posteriormente expressando sentimentos que se efetivaram nas necessidades morais dessas paixões.

Com uma tipologia específica de Rousseau sobre as línguas de sociedades antigas, desde as egípcias como as mexicanas, o *Ensaio* trouxe a visão/ação da musicalidade que os sons produzem na região do palato. A formidável surpresa da ótica rousseauiana recoloca as musicalidades como nascidas dos primeiros choros e pedidos vocálicos dos seres humanos.

Ter abraçado esta presente pesquisa, em forma de apontamentos, equivale-nos a dizer que, atualizando Rousseau e seu *Ensaio sobre a origem das línguas*, teremos um estudo da linguagem com o verniz histórico da sua época. Ademais, pensar o filosofar sem um histórico de idas e vindas em suas representações conceituais seria perder de vista o primaz da própria filosofia. O genebrino traduziu sua época e nos colocou com as indagações afinadas sobre as paixões sonoras (sentimentos vocalizados) como inerentes ao discurso humano e que produz a moralidade. Considera-se esse *Ensaio* como a propedêutica a futuras investigações sobre a linguagem e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ARBOUSSE-BASTIDE; MACHADO, L. G. In: *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro- Porto Alegre- São Paulo: Globo, 1962.

ARCO JR, M. D. B. *A obra fundadora*. In. REVISTA CULT 172. São Paulo: Bregantini, 2012.

BECKER, E. *Política e Linguagem em Rousseau*. [Tese de Doutorado]: São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-25092008-165413/pt-br.php>> Acesso em 01 de outubro de 2017.

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

DASCAL, M. *Linguagem e pensamento segundo Rousseau*. In: Manuscrito e Revista de Filosofia. Vol. III nº 2, 1980.

GANOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. 3 ed. Tradução de Fátima Sá Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PALMER, J. A. *50 grandes educadores*. São Paulo: Contexto, 2005.

ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou a Educação*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, J-J. *Do Contrato Social*. Tradução de Ricardo Rodrigues da Gama. São Paulo: Russel, 2006.

_____. *Ensaio sobre A Origem das Línguas*. In: Obras J.J. Rousseau. Vol II. Trad. Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Globo, 1962.

STRATHERN, P. *Rousseau em 90 minutos*. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

STRECK, D. R. *Rousseau & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERRI, A. Politique et morale dans l'Essai sur l'Origine des langues de Rousseau. In: *Jean-Jacques Rousseau, Politique et Nation: Actes du II^o Colloque International de Montmorency*. Paris: Honoré Champion Editeur, 2001.